



## **Humor Engajado: Charges do jornal O Pasquim no período da Ditadura Militar no Brasil<sup>1</sup>**

Manuela Parisi MALACHIAS<sup>2</sup>

Mariana de Andrade BEDIN<sup>3</sup>

Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP

### **RESUMO**

A charge é parte desses acessórios que o jornal exhibe como material de opinião, independente e personalizado, por isso sempre está colocada na página de editoriais. Ela acaba sendo uma espécie de "editorial gráfico", conforme se referia Fortuna, um dos grandes profissionais da área que este país já teve. No Pasquim diferente de outros jornais, a charge tinha grande importância e destaque central, com ela se combinava o riso com a contestação ao regime militar. A charge se refere à atualidade imediata e pode ficar como registro de uma época, mas a sua comicidade nem sempre se conserva.

**PALAVRAS-CHAVE:** Charges; O Pasquim; Ditadura Militar.

### **INTRODUÇÃO**

Embora tenha recebido o apelido de “Imprensa Nanica”, o conjunto de jornais, revistas e folhetins que surgiram no período da Ditadura Militar certamente contribuiu de forma significativa com a tradição jornalística brasileira. Para os profissionais da época, lidar com a censura era praxe no cotidiano das redações.

Como, evidentemente, a acidez crítica dos jornalistas não diminuía a partir das medidas de contenção da liberdade de expressão, cabia aos censurados encontrar alternativas para comunicar seu ponto de vista.

Se o fim principal de uma reportagem jornalística, sobretudo em tempos conflituosos como os do regime militar, é preciso identificar os melhores métodos e formatos para dialogar com o público, atingindo o maior número de pessoas e atraindo o interesse dos leitores.

Nesse aspecto, é imprescindível apontar *O Pasquim* como exemplo de sucesso segundo estes pressupostos. Liderados por Millôr Fernandes, um time de jornalistas

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ 01 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012, sob a orientação do Profº Adolpho Queiroz.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 4º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie email: [manuela.malachias@gmail.com](mailto:manuela.malachias@gmail.com)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 4º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie email: [mari\\_andb@yahoo.com.br](mailto:mari_andb@yahoo.com.br)



com aguçado senso crítico e bom humor de sobra foram capazes de incomodar os mais altos escalões do exército governista através do humor.

As inovações em termos de entrevistas, apuração e construção da notícia agradaram o público e muitos profissionais, garantindo a fama e a sobrevivência do folhetim. Diante da pressão do regime e também de certa ingenuidade na administração, *O Pasquim* não resistiu por muito tempo. Mesmo assim, marcou a História brasileira e influenciou a imprensa nacional.

Abundantes nas páginas do jornaleco, as charges aparecem como uma das ferramentas de maior apelo popular, sobretudo por unir entretenimento, a arte a uma história cômica, porém recheada de opinião. O traço no *Pasquim* corresponde a um elemento de importância igual à da palavra escrita. Ziraldo, Henfil, Jaguar e Millôr ganharam destaque pelos seus rabiscos no folhetim e tornaram-se referência no estudo das charges até a atualidade.

Este trabalho procura observar algumas das produções desses quatro cartunistas durante sua atuação no *Pasquim*, analisando aspectos semânticos e artísticos que delinearam uma das formas mais ácidas de resistir e combater o regime totalitário vigente no país.

## **JORNAL O PASQUIM**

O *Pasquim* foi um semanário editado do dia 26 de junho de 1969 ao dia 11 de novembro de 1991, criado para ser um jornal de humor com o charme de Ipanema – bairro que na época tinha o maior número de intelectuais e artistas do Rio de Janeiro – assim eles podiam aproveitar essa proximidade e conseguir entrevistas mais facilmente. Passavam também os últimos acontecimentos políticos e faziam críticas aos costumes da classe média acomodada.

O jornal se divide em quatro períodos:

- 1º - nascimento do *Pasquim* em junho de 1969 até a prisão da equipe de produção no fim dos anos 70.
- 2º - censura prévia explícita vai da edição 80 até 300.
- 3º - é concedida a palavra, até certo ponto livre, mas constantemente ameaçada, luta pela liberdade democrática. Edições 300 a 490.



- 4º - “Jornal dos retornados”, O Pasquim dá abertura para os que foram exilados ou tiveram seus mandatos cassados. Edições 490 a 559.

De acordo com a charge produzida por Jaguar o jornal se define em “um grupo de jornalistas e cartunistas se reuniu em pleno AI – 5 para falar mal do governo. Só tem uma explicação: privação coletiva de sentidos”.

## **O PASQUIM E A SITUAÇÃO DO PAÍS**

Costa e Silva toma posse em março de 1967, recebe de seu antecessor uma nova Constituição (aprovada em janeiro), a Lei da Imprensa (fevereiro) e a Lei de Segurança Nacional (março). Tudo isso dava respaldo para ele fazer o que quisesse do país. Em 13 de dezembro de 1968 é proclamado o Ato Institucional AI-5. Dava-se então, poder aos governantes punir quem fosse considerado seus inimigos. O AI-7, depois, suspende as eleições diretas para cargos executivos. Na mesma época a censura prévia à imprensa, existente pelo AI-5, se institucionaliza e é organizada, segundo o Decreto-lei nº 1077, de janeiro de 1970.

## **CHARGES EM O PASQUIM**

As páginas do Pasquim eram elaboradas como um objeto por inteiro, não se disputava peso de importância entre um texto e uma charge. Diferente de outros jornais, a charge tinha grande importância e destaque central, com ela se combinava o riso com a contestação ao regime militar e sátira aos costumes da sociedade da época. A charge pode parecer isolada em uma página ao lado de artigos e anúncios, ter uma página inteira, ou em conjuntos de modo a compor uma página, pode ser feito por um chargista sobre um mesmo tema ou diversos, ou por diversos chargistas sobre um mesmo tema.

## **OS CHARGISTAS DE O PASQUIM**

### ***Ziraldo***

Ziraldo não iniciou seus desenhos com o fim específico de crítica política e análise social. Antes da fundação de O Pasquim, o jornalista já era colaborador dos jornais Folha de Minas e Jornal do Brasil, além das revistas Era Uma Vez, A Cigarra, O Cruzeiro, Visão e Fairplay. Desde a infância mostrava grande interesse por quadrinhos,



tendo posteriormente criado “A Turma do Pererê” – trabalho de HQ interrompido nos anos da ditadura:

Em 1964, com a tomada do poder pelos militares, a revista encerrou sua carreira. Era nacionalista demais para sobreviver àqueles tempos. Entretanto, a força desses personagens, tão tipicamente brasileiros, resistiu aos difíceis anos da ditadura. (Site Educacional)

Enquanto seus colegas de Pasquim foram densamente marcados pela postura anti-regime, Ziraldo conquistou espaço nas artes gráficas antes e depois do período de repressão militar, contribuindo com a literatura infanto-juvenil relacionada a valores de respeito, igualdade e contra o preconceito. Atualmente, colabora com campanhas e símbolos do ministério da Educação e diversas campanhas voltadas para o público infantil.

Foi intensamente perseguido pelos militares, pois seu humor delineava críticas constantes à ditadura. E com a popularidade de seu trabalho através de O Pasquim, foi considerado ameaça para o governo, que lhe prendeu junto de outros colegas do jornal. Embora muitos tenham recuado de seu posicionamento ideológico devido à repressão, Ziraldo se manteve irreduzível, militando a favor da redemocratização do país.

### *Henfil*

Teoricamente, Henrique de Souza Filho ingressou na área do jornalismo no pior momento possível. A partir de 1965, quando tinha início a Ditadura Militar, Henfil começou a desenhar caricaturas políticas para o Diário de Minas, seguindo carreira nas revistas Visão, Realidade e O Cruzeiro.

Mas foi com O Pasquim que seu trabalho ganhou popularidade, estabelecendo sua marca: um desenho humorístico, crítico e satírico, com personagens tipicamente brasileiros e que retratavam as situações da época.

Embora tenha largado a faculdade de sociologia após cursar apenas dois meses, seu envolvimento com a sociedade foi muito mais profundo do que teoria:

Henfil teve uma atuação marcante nos movimentos políticos e sociais do país, lutando contra a ditadura, pela democratização do país, pela anistia aos presos políticos e pelas Diretas Já. Na história dos quadrinhos no Brasil, renovou o desenho humorístico com seus



personagens "Os Fradinhos", o "Capitão Zeferino", a "Graúna", e "Bode Orelana", entre outros. (Site UOL Educação)

Henfil era engajado com o Partido dos Trabalhadores (PT), do qual foi militante até os 44 anos, falecendo precocemente em decorrência da AIDS.

### ***Jaguar***

Do sobrenome de Sérgio de Magalhães Gomes Jaguaribe veio sua assinatura mais famosa: Jaguar. Participando da criação de O Pasquim, o chargista carimbou seu passaporte no Humor, embora tenha iniciado a vida profissional no Banco do Brasil. Sua carreira como cartunista foi permeada pela luta contra a ditadura, tendo sido preso pelos militares devido a notória repercussão de O Pasquim entre o público.

No seu trabalho, destaca-se o ratinho Sigmund ou “Sig para os íntimos, o seu alter-ego, que ora tem um temperamento irônico, noutra valentão, sonhador, bem-comportado e que muda de fisionomia como muda de humor” explica o analista de entretenimento Osamu Nakagawa, do site TV Sinopse. O personagem seria uma alegoria de Sigmund Freud e torna-se o mascote-símbolo de O Pasquim.

Antes da criação do jornal humorístico, Jaguar já apresentava carreira sólida em outras publicações, tais como as revistas “Senhor”, "Revista Semana" e "Revista Civilização Brasileira", seu semanário de humor "Pif-Paf", e os jornais cariocas "Tribuna da Imprensa" e a "Última Hora". Dessa forma, o chargista marca seu jeito de desenhar, que o site TV Sinopse define:

Jaguar tem o seu traço estilístico com grande influência dos trabalhos de Saul Steinberg, um cartunista norte-americano e também do gravador francês André François do início do século XX. Esse estilo bem livre e solto faz com que se aproxime rapidamente de outros cartunistas da época. (Site TV Sinopse)

### ***Millôr***

Aos 15 anos, o jovem carioca já tinha se empregado como contínuo da revista O *Cruzeiro*, de Assis Chateaubriand. A partir daí, não parou mais: escritor, poeta, desenhista, jornalista, humorista, cartunista, tradutor, dramaturgo e cinegrafista foram algumas das funções que assumiu ao longo da carreira – que realmente não parou até 2012, ano de sua morte.



O seu marco de “falar o que pensa” foi o que o aproximou do projeto de O Pasquim; após a publicação de uma versão pessoal da história de Adão e Eva, foi demitido da revista *O Cruzeiro* devido a ira religiosa que despertou. Nessa lacuna foi que ajudou a criar *O Pasquim*, que Millôr não acreditava que iria durar sabendo das dificuldades de um tabloide independente em meio à ditadura militar.

O célebre episódio em que a redação de *O Pasquim* foi presa pela ditadura de forma a impedir a veiculação do jornal, porém que contou com a contribuição e apoio de diversos intelectuais que enviavam conteúdo para a publicação teve a importante regência de Millôr como editor-chefe, tendo sido um dos poucos que escapou da clausura.

Sua última participação em *O Pasquim* foi na primeira edição após o fim da censura explícita ao jornal. O editorial do número 300 do tabloide refletia a incredulidade irônica do cartunista diante da promessa de liberdade de expressão.

Como afirmou em entrevista ao programa Roda Viva, em 1989, Millôr se autoprotomava um “livre-atirador” e buscava não se comprometer com qualquer movimento organizado político ou religioso, considerando a ideologia uma "bitola estreita para orientar o pensamento".

## ANÁLISES DE CHARGES

Apresentado através de um conjunto de charges sobre um mesmo tema: “Brasil ame-o ou deixe-o”, Ziraldo satiriza o slogan tão conhecido de Médici:



Ziraldo na primeira charge deixa implícito que Deus não zela pelo Brasil e pelos brasileiros durante a ditadura, pois preferiu deixá-lo. Com a segunda charge, mostra-se que muitos militares não amam sua pátria, mas tiram proveito dela ou do povo. Na quarta charge, Ziraldo mostra a imperatividade contida nesse slogan, típica da ditadura, onde viviam a obedecer comandos para não serem punidos. Com a sexta charge, ele faz uma provocação direta a Médici o elegendo como novo Mussolini, onde apesar de seus belos slogans, Médici é a favor de violência e repressão, um terrível ditador. Na sétima charge mostra que o amor deve partir não só do povo, mas também das autoridades da época para com o povo, quando Cristo pede em um cartaz “Amem-se”, já que na verdade se dirigem ao povo somente para torturá-los e se aproveitar dele.

## MÉDICI

Médici largou o III Exército do Rio Grande do Sul para assumir a presidência no lugar de Costa e Silva, no dia 30 de outubro de 1969. Tornou-se uma referência em comunicação política, pois utilizou muito de instrumentos de propaganda para garantir a confiança da população. A AERP (Assessoria Especial de Relações Públicas da Presidência da República) ficou responsável então de construir essa imagem de nação completa e feliz também através de slogans.

A postura do novo presidente conseguia esconder a ação mais repressiva e violenta dos governos militares.

Esta charge foi publicada em duas folhas do miolo do Pasquim e dentro da série Pôster dos pobres. Nela Ziraldo apresenta um homem vestido com roupa social, porém com os olhos profundos, apresentando cansaço ao se apoiar no próprio quadrinho, mas com um sorriso estampado no rosto, que ao situar a época em que a charge foi feita é possível concluir que este sorriso é bastante sarcástico.

Este homem está com uma espada enfiada nas costas e atinge também sua barriga, o que não lhe permite rir uma vez que faz doer o local. A espada representa o poder ditatorial e a censura, já o riso o humor ácido como forma de protesto feito contra a ditadura.

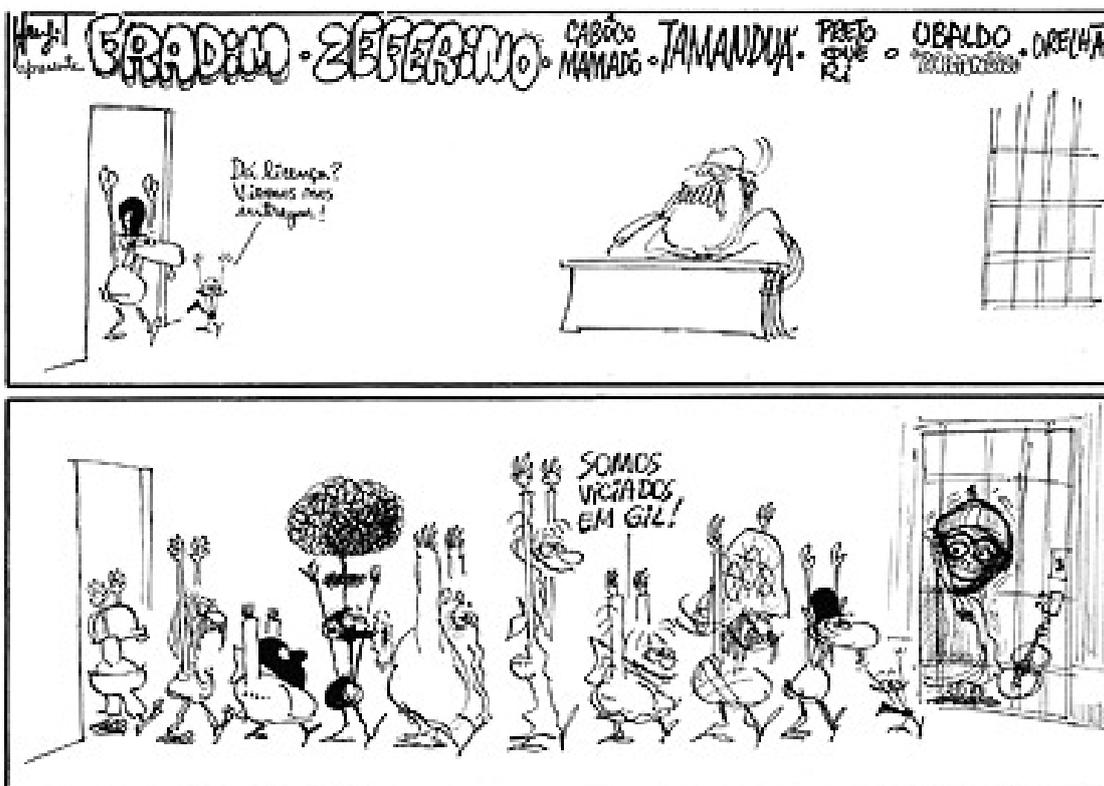




A charge foi construída no período de maior desfalque da equipe do Pasquim após a prisão de Ziraldo, Paulo Francis, Luiz Carlos Maciel, Fortuna, Sérgio Cabral, Jaguar, Paulo de Tarso, Paulo Garcez e Haroldinho.

Período esse nomeado pelo jornal como “surto de gripe numa verdadeira reação em cadeia assolou a equipe do jornal”.

Henfil utiliza-se da charge para denunciar a injusta prisão do compositor e também militante Gilberto Gil.



Nesta charge se encontra diversos personagens criados por Henfil para satirizar o período da ditadura militar, entre eles: Tamanduá, que faz a análise da recusa em perceber a repressão e o autoritarismo; Cabôco Mamadô que satiriza os beneficiários do sistema político; Ubaldo que ironiza a paranoia de uma esquerda prudente demais, que vacila em se manifestar no momento da abertura política; Zeferino e Orelhão que representa o desenvolvimento do sul do país graças a outras regiões, principalmente o Nordeste, enquanto sua região natal não se desenvolve; Preto Que Ri que aborda a preocupação que se deve ter com a discriminação racial às avessas; e por fim Fradim, que é uma sátira das posições moralistas da classe média.

Todos seus personagens se comovem com a prisão do ídolo e para ouvi-lo, juntos resolvem se entregar. De forma a deixar subentendido que se Gil foi preso por provocações ao regime nas suas composições, os personagens também deveriam, já que se utilizam ferozmente de provocações.

Durante o governo Médici, duas semanas após ser assinado o AI-5, o compositor Gilberto Gil foi preso em São Paulo, como acusação: desrespeito à bandeira e o hino nacional.

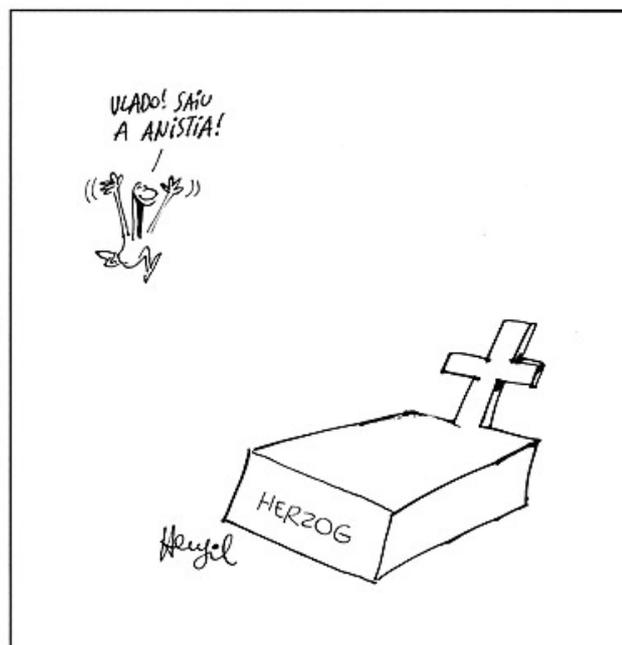
Fora libertado, em fevereiro de 1969, somente das grades, pois ficou proibido de se apresentar ou dar qualquer declaração em público. Após tantas proibições e perseguições sofridas, preferiu se exilar na Inglaterra.

A luta e o engajamento de Henfil, o aproximava da personalidade de Vladimir Herzog, o jornalista iugoslavo naturalizado brasileiro.

Mesmo com a lei da Anistia, Henfil relembra que a tortura existiu e deixou marcas profundas na sociedade brasileira. Apesar dos motivos para comemoração, muitos consideram que a medida legal protegeu os torturadores, e conseqüentemente, incomodou muitas famílias que tiveram vítimas devido à repressão da ditadura.

### **HERZOG E A ANISTIA**

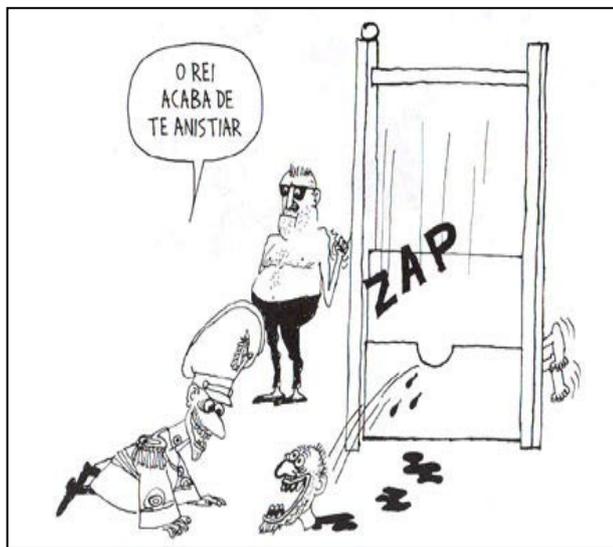
A repressão da ditadura foi duramente sentida pela classe dos jornalistas. Antes de ser preso, torturado e morto, Vlado (como Herzog era conhecido pelos familiares e amigos) trabalhava como diretor de jornalismo da TV Cultura.



Embora tenha sido alertado por colegas de que seria um dos próximos alvos dos militares, não recuou. Ainda que não tenha militado fortemente em seu Partido Comunista Brasileiro, era um defensor dos direitos humanos e da liberdade. Sua morte foi marcante no processo de redemocratização do Brasil, tendo movimentado centenas de cidadãos às ruas e tornando público internacionalmente os horrores da ditadura.

Por meio da luta em vida e do significado de sua morte, Herzog é associado diretamente à conquista da Lei da Anistia, que marca o fim do regime militar. Porém, a lei só foi reconhecida e aprovada em 1979, quatro anos após o assassinato do jornalista.

Seguindo a ideia de Henfil, nesse desenho o oficial militar se dirige a um morto para tratar da anistia. O algoz está de óculos escuros, como se não estivesse enxergando o trabalho que faz ali, inclusive seu olhar está direcionado para frente e apenas a mão comanda o degolador. Enquanto existia uma aura de mistério sobre a identidade



dos torturadores, algo que foi reforçado através da lei de anistia, na charge o homem está com parte do corpo despida, ironizando o comportamento dos violentadores.

O militar em contraste direto com o torturador – indicado como um civil possivelmente – anuncia que o “Rei” anistiou o homem degolado. A menção do termo “Rei” e o uso da guilhotina fazem alusão ao mundo medieval, onde este costume de violência era recorrente. No contexto da época, demonstra o atraso e a regressão trazida pelo regime.

A vítima, desenhada com um sorriso tolo, se aproxima da ideia do cidadão brasileiro que, iludido pela enganosa “boa nova” trazida pela anistia, não nota que perdeu a cabeça. E é dessa forma, caminhando sem suficiente reflexão e consciência da situação histórica que o Brasil se dirige à redemocratização. E com sangue nas ruas.



O algoz é bastante recorrente no trabalho do cartunista Jaguar. Ele volta a aparecer em desenhos como este, ao lado.

Jaguar retoma a mesma caracterização para o torturador, como uma personagem sempre com o rosto encoberto, mas com o peito aberto, nu. A aura de mistério que envolvia a sigilosa violência praticada pelo regime ganhava um tom irônico com que o chargista lhe representava nas páginas do Pasquim.

A senhora faz uma reclamação comum e banal, que passaria despercebida se não colocada junto à natureza da atividade profissional daquele homem. Dá-se a entender que não é a função de torturador o problema, mas o fato de trazer “trabalho para casa”. Em uma interpretação livre, podemos pensar que o brasileiro não estava realmente incomodado ou engajado de alguma forma com as maldades da ditadura.

Existe uma antítese perfeita entre a figura do algoz com a imagem magricela e pálida do torturado. Jaguar lança mão de detalhes que aproximam a vítima da estética com que se costuma retratar Jesus sofredor: uma túnica sobre a cintura, o corpo desfilado, a magreza, o aspecto de sujeira, as pernas flexionadas.

No canto esquerdo, há uma imagem retratada num quadrinho, no qual parece haver um homem com severo, que tanto poderia ser um ditador como um patriarca autoritário, lembrando que a disciplina militar estava presente ali.

## O PASQUIM NAS CHARGES

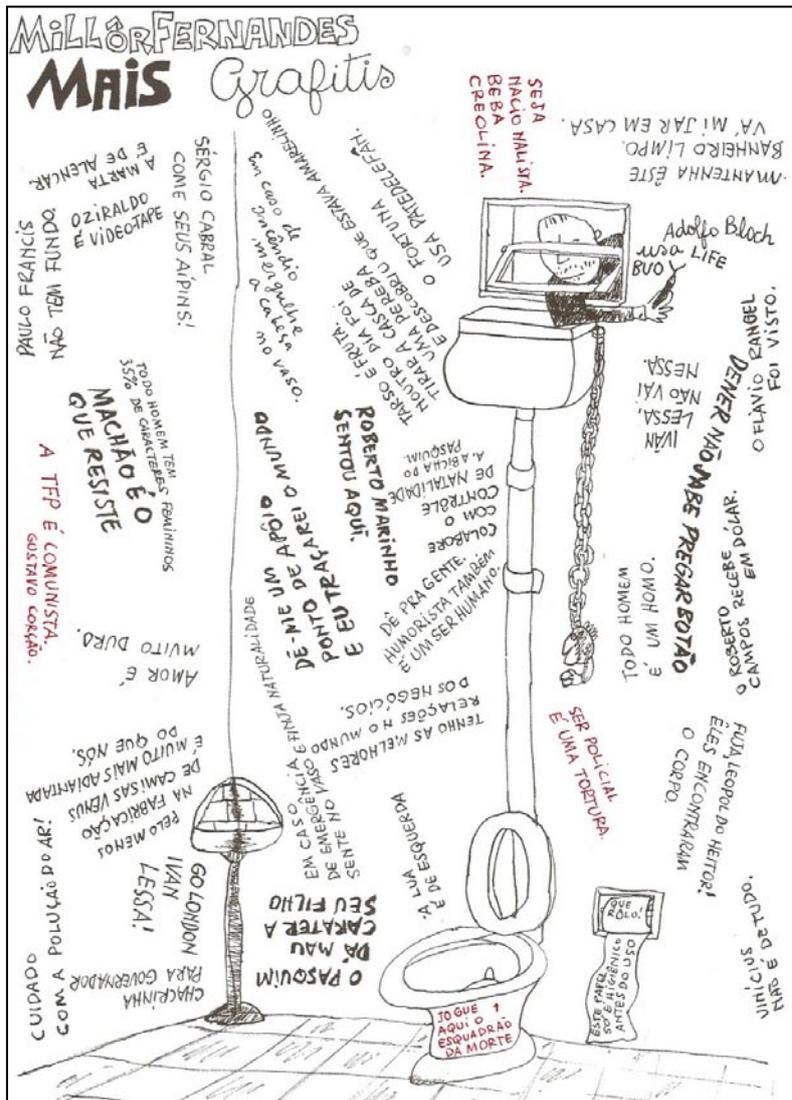
Millôr traduziu a ironia na charge em que retrata como seria o trabalho dos censuradores. Se por um lado os funcionários da ditadura aparecem com feições hostis, dentes cerrados, e expressões de ódio no rosto, o chargista brinca com o grande interesse que toda a equipe de censura demonstra com relação ao tabloide. De fato, O Pasquim foi um enorme sucesso de público e, justamente por trazer humor de qualidade, pautado em reflexões inteligentes e conscientes, o jornal era uma ameaça real à



ditadura, uma vez que podia – como de fato ocorria – provocar a população a pensar. E a alta qualidade do produto, ironiza Millôr, é o que atrairia todos os censuradores a ler o tabloide.



Local que costuma não ser limpo, nem de cheiro agradável, mas onde todos são iguais e compartilham das mesmas necessidades. Millôr inspira-se no banheiro, área de



uso comum e que constantemente vemos frases, declarações de amor e porque não de ódio a pessoas para construir essa charge. Em meio a provocações a seus colegas de trabalho, brincadeiras com casos policiais da época e frases machistas, é importante dar destaque e contextualizar alguns “grafites” que insultam a ditadura: “A TFP é comunista – Gustavo Corção.”; Gustavo Corção, católico fervoroso, conservador e apoiador do regime,



inclusive das torturas, tinha na época uma coluna no jornal “O Globo”, onde não titubeava ao acusar e denunciar qualquer episódio ou pessoa que lhe parecesse estar ligada ao comunismo. Vinícius de Moraes disse uma vez que Corção não era um ser humano e o mesmo já foi chamado de Satã pelo O Pasquim. Já a também citada TFP, é uma organização católica tradicional e conservadora brasileira fundada por Plínio Correia de Oliveira, deputado federal em 34, que prega uma reação com base nos dogmas cristãos e é avessa à desordem, fato de seu repúdio ao comunismo no Brasil. Em “Seja nacionalista. Beba creolina.”; remete-se a uma das formas que militantes eram torturados pela DOI – CODI. Lembrando que a ingestão de creolina causa corrosão, vômito e dores abdominais podendo causar até a morte. “Ser policial é uma tortura”; utiliza-se do jogo de palavras para atentar a população e provocar os que abusavam do seu poder e praticavam atos de tortura, neste caso os policiais. Para finalizar, nada mais provocador que a frase no vaso sanitário: “Jogue aqui o Esquadrão da Morte”; onde Millôr sugere aos leitores dar um ponto final, neste caso à descarga, naqueles que foram responsáveis pelas piores torturas e injustiças da época do regime militar. Um modo de rebaixar grandes cargos que detinham o poder em dejetos.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A charge faz com que o leitor se informe sobre os acontecimentos da atualidade e também veja a interpretação, a opinião de quem a ilustrou. Existe a necessidade do chargista não ultrapassar o limite da pessoalidade, senão a charge perde seu valor informativo e deixa de ser uma crítica.

Durante a ditadura a charge tornou essencial para o jornal O Pasquim escapar da censura. Por meio dela eles conseguiam publicar suas críticas sobre o regime, uma vez que a censura caía fortemente em cima dos textos publicados e muitas vezes passava-se batido pelas charges.

A escolha d'O Pasquim como objeto de análise fora de acordo com o esperado, pois diferentes de outros jornais a charge tinha um destaque central e não era marginalizada pelos textos. Foi possível confirmar isso após análises de disposição de páginas, onde em momentos ela apresenta destaque central ou até mesmo página inteira. Nossas análises foram feitas conforme o momento político em que a charge estava inserida e estudos realizados anteriormente do jornal O Pasquim e seus chargistas.

O Pasquim pôde acompanhar desde sua criação as diversas fases do regime militar e os maus hábitos da classe média da época. Serviu de seu humor ácido para alertar as pessoas sobre a situação que estavam sendo coniventes e também denunciar o abuso de poder que todos sofriam.

Utilizando-se de humor no traço o chargista deixa transparecer seus ideais e insatisfações tanto com a sociedade quanto com o governo e por meio dela nos põe a refletir sobre o momento que vivemos. Foi por causa desse desejo de mudança que Henfil, Jaguar, Millôr e Ziraldo, como muitos outros jornalistas d'O Pasquim lutaram contra a ditadura e se submeteram a todas as circunstâncias que isso lhes traria.



## REFERÊNCIAS

BRAGA, José Luiz. *Pasquim e os anos 70: mais pra epa que pra oba...* Brasília: Ed. UnB, 1991.

FLORES, Onici. *A leitura da charge*. Canoas: Ed. ULBRA, 2002.

FONSECA, Joaquim da. *Caricatura: a imagem gráfica do humor*. Porto Alegre: Artes e ofícios, 1999.

\_\_\_\_\_. *O PASQUIM: antologia 1969-1971*. Rio de Janeiro: Desiderata, 2006.

Henfil. *Henfil na china, antes da coca-cola*. 6.ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1981.

\_\_\_\_\_. *O gênio que se explica*. Veja, São Paulo, edição 2263, ano 45, número 14, página 142 e 149, 4 de abril de 2012.

[www.educacao.uol.com.br/biografias/henfil.jhtm](http://www.educacao.uol.com.br/biografias/henfil.jhtm)

[www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=artistas\\_biografia&cd\\_verbete=3593](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=3593)

[www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=artistas\\_biografia&cd\\_item=1&cd\\_idioma=28555&cd\\_verbete=3595](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_item=1&cd_idioma=28555&cd_verbete=3595)

[www.tvsinopse.kinghost.net/art/j/jaguar.htm](http://www.tvsinopse.kinghost.net/art/j/jaguar.htm)

[www.educacional.com.br](http://www.educacional.com.br)

[www.educacao.uol.com.br/biografias/ziraldo.jhtm](http://www.educacao.uol.com.br/biografias/ziraldo.jhtm)

[www.tvcultura.cmais.com.br/millor](http://www.tvcultura.cmais.com.br/millor)

[www.dialogospoliticos.wordpress.com/2012/03/28/millor-fernandes-morre-aos-87-anos-no-rio-de-janeiro/](http://www.dialogospoliticos.wordpress.com/2012/03/28/millor-fernandes-morre-aos-87-anos-no-rio-de-janeiro/)

[www.infoescola.com/compostos-quimicos/cresol/](http://www.infoescola.com/compostos-quimicos/cresol/)

[www.unicamp.br/unicamp/unicamp\\_hoje/ju/marco2004/ju246pag03.html](http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/marco2004/ju246pag03.html)

[www.cartamaior.com.br/templates/colunaImprimir.cfm?coluna\\_id=4317](http://www.cartamaior.com.br/templates/colunaImprimir.cfm?coluna_id=4317)